

# A melhor do mundo

Por Roald Andretta

Poucos lugares se comparam ao Rio Itapará, em Roraima, para enfrentar o tucunaré-çu no auge de sua exuberância, fúria e valentia. Quem faz uma boa pescaria lá volta para casa sem dúvidas: em água doce, pescaria melhor não há



O Rio Itapará visto de cima: nível mais alto que outros rios amazônicos no mesmo período, mas isso não seria um grande problema

Posso me considerar um privilegiado por ter pescado em alguns dos melhores locais do planeta. Porém, a cada nova ida para a Amazônia, a despeito das dezenas de vezes em que lá estive, sempre me sinto como se fosse a primeira vez. A ansiedade de encontrar os maiores tucunarés do mundo é compatível com o que considero a melhor pescaria em água doce da face da Terra.

Estamos em novembro e no trajeto aéreo partindo de Manaus, vemos todos os rios com nível baixo. Mas ao nos aproximarmos do lodge, começamos a ver campos alagados. O melhor período de pesca em Ro-

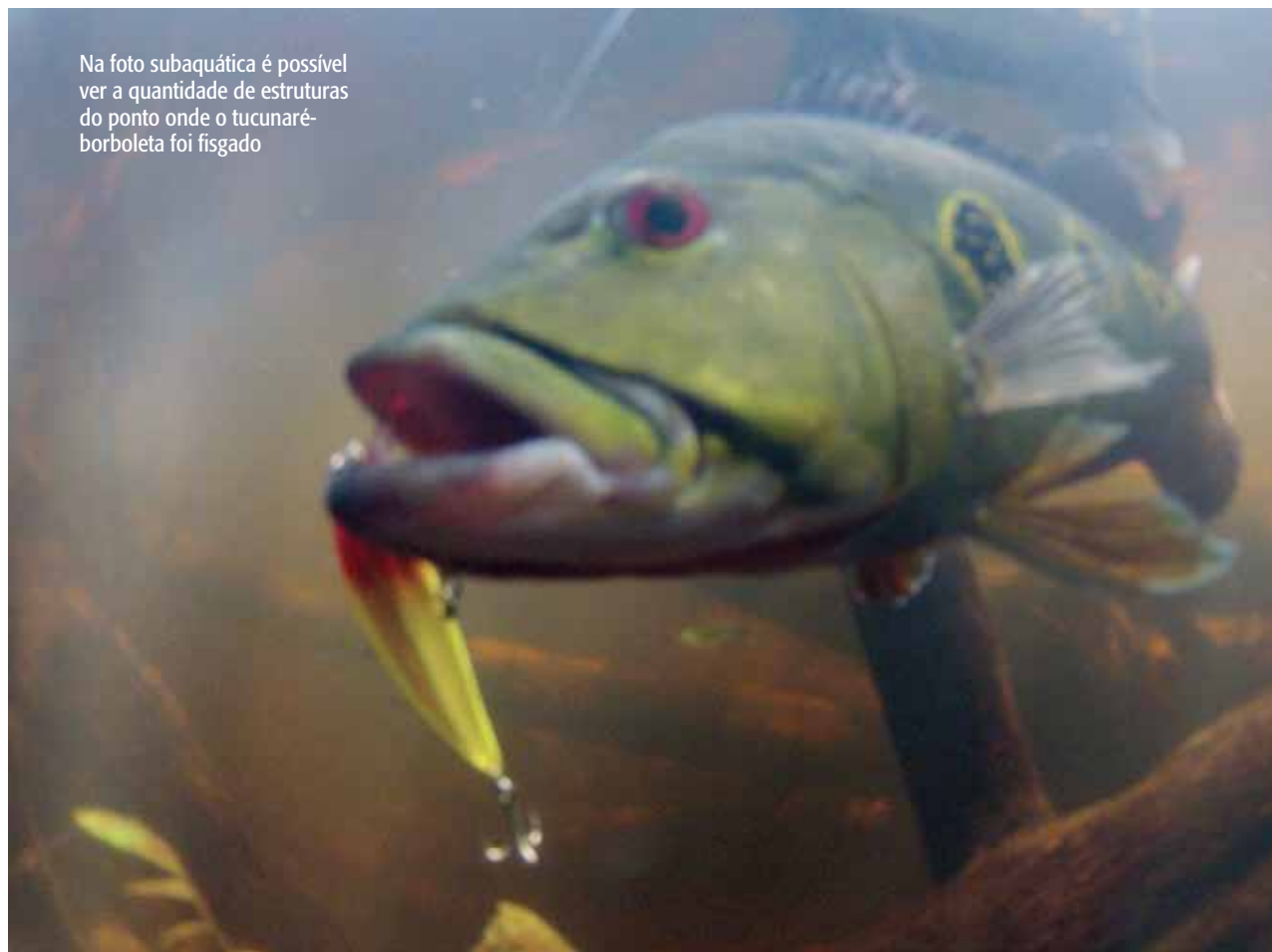
raima difere um pouco dos demais locais da Amazônia – ali, a temporada costuma se estender até março. Com suas nascentes no hemisfério norte, o Itapará ainda está com suas águas altas enquanto as regiões mais ao sul já estão com todas as suas praias descobertas.

Em qualquer outro rio amazônico isso seria motivo de preocupação, mas este rio possui uma característica geográfica ímpar. São sete estreitos intercalando estirões repletos de ressacas e lagoas, fazendo com que qualquer mudança indesejada de nível não influencie a área de pesca, já que os represamentos naturais escalonam e retardam qualquer

variação. Dessa forma, dificilmente não haverá algum trecho em condições de boa pescaria.

Vivemos bem essa experiência, chegando após uma chuva padrão “rain forest” desabar sobre Roraima nos três dias que antecedem nossa viagem. Como sempre faço em todas as minhas incursões amazônicas, assim que chego à beira do rio faço uma marca na margem para acompanhar as mudanças de nível. Aproveitamos toda uma tarde de pesca assim que chegamos, mas com produtividade muito aquém das expectativas. A explicação vem no retorno ao lodge: o rio já está dois centímetros mais alto, é o indesejável repiquete.

Na foto subaquática é possível ver a quantidade de estruturas do ponto onde o tucunaré-borboleta foi fogado



### Plano B

Com um plano na manga, nosso anfitrião, Milton Cardille, antecipa nossa ida para seu posto avançado a duas horas de navegação rio abaixo, situado no local conhecido como Redondo, ao sul da linha do Equador. Nem é preciso chegar

até lá, no caminho os tucunhões já começam a aparecer. O tamanho médio dos exemplares do Itapará é acima dos padrões, mesmo em comparação com os melhores pontos amazônicos.

Nosso grupo é composto por mim, Rafael, Junior, Eduardo, Gustavo e Anderson, todos de Curitiba, e a nós se juntam os novos parceiros paulistas David e Robson. Cada uma das duplas formadas tem muitas histórias ao final de cada dia de pesca. O início da temporada tem a desvantagem de encontrarmos níveis mais altos, mas é quando os tucunarés estão mais agressivos. Os açus atacam com tamanha agressividade que “explosão” não é nenhum superlativo para definir suas investidas. Difícil é segurar os brutos quando seu rumo leva nossas iscas igapó adentro. Nesse caso, não adianta querer medir forças, o melhor é aliviar e tentar negociar um desembarço das linhas nas galhadas ou até mergulhar atrás dos peixes,

tarefa muito bem desempenhada pelos bons guias do lodge.

Mesmo em época de peixe agressivo, a ação costuma variar ao longo do dia. Então, uma boa opção é montar três equipamentos com iscas de trabalhos distintos. Uma vara com uma grande isca de superfície (com destaque para as hélices), outra com uma isca de meia-água – e nesse caso não abro mão de uma *twitch-bait* (isca de toque) – e, para complementar, uma vara com *jig* para conquistar o peixe mais manhoso.

Na região do Itapará, um quarto equipamento poderá proporcionar grandes conquistas. Basta uma vara, carretilha com linha forte e um *circle hook* (anzol circular). Os guias providenciam uma boia de molongó, planta de madeira leve e mole abundante nas margens, e um peixe vivo para usar como isca. Mesmo para quem é aficionado pelas artificiais, como eu, essa é uma opção válida para encontrar

Vale ter à mão pelo menos três varas montadas: uma para grandes iscas de superfície, outra para iscas de meia-água e uma com *jig* para os peixes mais manhosos



Infraestrutura do lodge à beira do rio



um grande exemplar nos horários de pouca ação e, de quebra, trazer para a superfície outro açuzão para ser capturado nos pinchos. Alguns dos maiores tucunarés pegos na artificial são “levantados” acompanhando outro fogado pela natural.

### Naturais x artificiais

Ao contrário do que muitos pensam, nem sempre as iscas vivas levam vantagem em relação às artificiais. Eu e Junior comprovamos esse fato ao entrarmos num lago onde o guia garante haver peixes realmente grandes. Com a água invadindo as margens, escutamos ataques em meio à mata alagada, fora do alcance de nossas iscas. Enquanto o guia lança um apetitoso aracu para provar sua teoria, insistimos com grandes iscas de hélice, repetindo vários arremessos nos pontos indicados por ele como promissores.

Já começamos a desanimar, quando um estrondo interrompe o caminho da minha isca. Caprichosamente, o tucunão corre para o meio do lago em vez de entrar na mata. Essa sorte nos dá chances de afastar o barco e controlar suas longas corridas tentando voltar para as estruturas. Não é nada fácil; por



Grande plug de hélice trabalhado numa boca da lagoa: prenúncio de mais uma explosão provocada por um tucunaré “daqueles”

### Equipamento recomendado

► **Varas:** de 6' a 6'6", classe 17 a 25 lb, de ação rápida ► **Carretilhas:** de perfil baixo e grande velocidade de recolhimento ► **Linhas:** de multifilamento, com resistência de 30 a 40 lb ► **Líderes:** de fluorcarbono de 40 a 50 lb ► **Isclas artificiais:** de superfície (hélices e zaras de 12 a 21 cm), meia-água (barbela curta e *twitch-baits* de 9 a 15 cm) e fundo (*jigs* de cerdas e *shads*) ► **Mais:** garateias, *snaps* e pitões reforçados.

► **Fly:** equipamentos classe #8 e #9, com linhas WF e *sinking tip* com streamers volumosos.



Grande *plug* de hélice trabalhado numa boca de lagoa: prenúncio de mais uma explosão provocada por um tucunaré “daqueles”

### Melhora no clima

O tempo nublado dá lugar a um tórrido sol equatorial, e o regime das águas retorna à descendente em todo o rio. O que já estava bom fica ainda melhor, os peixes reagem com agressividade ao estímulo do nível d'água baixando. Adotamos o revezamento entre parceiros de pesca e guias, o que proporciona assimilar conhecimentos e técnicas nas preferências de iscas e formas de trabalho de cada um.

Rafael, por exemplo, em vez dos *jigs* de cerdas, consegue excelentes resultados com iscas plásticas do tipo *shad*. Eduardo tem sempre um equipamento de *fly* montado para transformar a aparição de cardumes em pura diversão, com dedos queimados pela linha. Gustavo e Anderson parecem duas máquinas de arremessar, enquanto Robson e Davi mostram também suas qualidades gastronômicas assumindo a pilotagem da cozinha numa saborosa lasanha de peixe.

Após dois dias de pesca no posto avançado do Redondo, voltamos a subir o rio. Atravessamos novamente a linha do Equador, retornando ao hemisfério Norte, onde encontramos uma quantidade de ações ainda maior. Na calha do Itapará, cardumes de valentes pacas revezam ataques com robustas borboletas. Ali, a nítida preferência é pelas iscas com trabalho tipo zara. Quanto aos açus e sarabianos, a maioria dos ataques acontece nas áreas onde os molongós demarcam as entradas de lagoas e ressacas. Se o trecho é raso, com a transparência das águas mostrando areia ao fundo, ainda melhor.

Em alguns desses pontos vale desembarcar para pinchar das margens rasas. Rafael conquista um de seus maiores tucunarés dessa forma. Mal dá para acreditar em seu tamanho quando o bicho encalha na areia, um verdadeiro gigante. No final das tardes, as experiências de cada dupla são compartilhadas, refrescando o calor com aperitivos na piscina. Luxo? Não, necessidade, já que banhos no rio não são aconselhados.

vezes, sinto o estalar das fibras da vara perante a tensão da forte linha de multifilamento tracionada pelo “trator”. São muitas manobras até o coração bater forte (como sempre) no momento de imobilizar, enfim, meu primeiro grande açu da viagem.

Mais algum tempo e Junior é o segundo contemplado com outro monstro em sua linha. Esse não é tão bonzinho: partindo no rumo dos molongós, só se veem arbustos chacoalhando quando ele atinge seu objetivo. Não fosse o sangue-frio para liberar a linha e um líder resistente, o parceiro não teria a menor chance. O resto fica por conta do guia, que segue a linha como se fosse buscar a

saída (ou entrada) de um labirinto. Valeu o esforço coletivo, o placar marca 2 x 0 para as artificiais.

É claro que a isca viva também acaba levantando belos exemplares, sem, contudo, atrapalhar os pinchos. O equipamento é mantido na popa do barco e quando a boia de molongó dá sinais, um dos pescadores assume a vara e deixa o anzol circular fazer seu trabalho. Enquanto isso, o outro pescador fica atento para um possível peixe acompanhante. Vale dizer que a pesca com iscas naturais no *lodge* só é permitida com a utilização de *circle hooks*. Obviamente, somente o pesque e solte é praticado.



Junior e o monstro que partiu como um trator rumo aos molongós: sem a devida calma e a ajuda do guia, o peixe não teria sido tirado de lá

### “O tamanho médio dos açus do Itapará é acima dos padrões, mesmo em relação aos melhores pontos amazônicos”

Dino, um atrevido jacaré-açu de mais de quatro metros, está sempre patrulhando a área! Ele é o grande representante da fauna local, onde ariranhas, catetos e macacos sempre estão por perto, vigiados de cima por araras, papagaios, tucanos e mutuns, entre tantas outras aves.

Mesmo as adversidades vividas pelos animais terrestres em vir-



A situação estava propícia para provar todo tipo de técnica. Eduardo experimentou “queimar o dedo” usando equipamento de *fly*



Rafael e o gigante capturado da própria margem num trecho raso com areia

## Cuidados físicos

Após arremessar por dias seguidos, é normal sentir os braços doídos e as mãos inchadas, por vezes com cortes causados pelas bocas dos peixes ou pelas linhas. A exemplo de triatletas, para manter seu desempenho o pescador pode mergulhar as mãos na água com gelo da caixa térmica. Também não deixe de fazer um alongamento antes de cada saída. Beba muito líquido, use roupas claras, boné, óculos escuros polarizados e muito protetor solar.

tude das grandes cheias das duas últimas temporadas, quando poucas áreas secas ficaram acessíveis, estão sendo superadas pela dispersão proveniente das áreas mais altas. Os mesmos níveis recordes das cotas atingidas pelas águas, que proporcionaram grande mortalidade de animais, ofereceram condições ideais para uma grande proliferação na vida aquática, comprovada pela excelente pescaria que fizemos. São os paradoxos de uma região envolvida em mistérios e magia que as classificam como uma das últimas fronteiras da humanidade: a terra dos açus gigantes que proporcionam a melhor pescaria do mundo. 🐟

### Agradecimentos:

Itapara Sport Fishing: [www.itapara.com.br](http://www.itapara.com.br)

Tel. (92) 9591-9995, (11) 4827-4204

Nitro Imports: [www.nitroimports.com.br](http://www.nitroimports.com.br)



Banho no rio? Nem pensar, principalmente com Dino e seus amigos por perto